

## A linguagem pela perspectiva do Círculo de Bakhtin

### Language from the Bakhtin Circle's Perspective

*Rodolfo Vianna\**  
*rodolfovianna@yahoo.com.br*

---

**RESUMO:** Este artigo busca apresentar de forma articulada quatro conceitos presentes na obra do chamado Círculo de Bakhtin: interação discursiva, enunciado concreto, signo ideológico e dialogismo. Buscou-se o mapeamento de seus traços comuns, clarificando o processo de gênese de cada um deles, com o objetivo de facilitar a compreensão da visão de linguagem, em seu conjunto, na qual baseiam-se as formulações do denominado Círculo. Não tentando ser uma abordagem exaustiva e conclusiva de cada conceito, orientou-se por um enfoque didático a fim de estimular aos leitores diálogos com as obras dos pensadores russos e incentivá-los estudos mais aprofundados.

**PALAVRAS-CHAVE:** Bakhtin. Interação discursiva. Enunciado concreto. Signo ideológico. Dialogismo.

**ABSTRACT:** This article aims to articulate four concepts developed in the work of the so-called Bakhtin Circle: discursive interaction, concrete utterance, ideological sign, and dialogism. We sought to map their common features and clarify their genesis in order to facilitate the understanding of language as a whole, as it is on it that the formulations of the so-called Circle are based. Not attempting to be an exhaustive and conclusive approach to each concept, this study adopted a didactic approach so as to encourage readers to dialogue with the works of the Russian thinkers and further their studies.

**KEY-WORDS:** Bakhtin. Discursive interaction. Concrete utterance. Ideological sign. Dialogism.

---

\* Doutor em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (LAEL-PUC/SP)

## Introdução

O presente artigo busca apresentar e articular alguns conceitos e formulações presentes nas obras do chamado Círculo de Bakhtin, oferecendo uma visão de conjunto que possibilita o melhor entendimento das proposituras oferecidas ao se debruçar sobre os estudos da linguagem.

Utiliza-se a expressão Círculo de Bakhtin porque, para além desse pensador, as formulações e as obras são produto da reflexão de um grupo que tinha a participação de diversos outros intelectuais. Esse grupo reuniu pensadores de diversas áreas do conhecimento e em momentos distintos, como a filosofia, a linguística, a biologia, a música, a poesia, a crítica literária, a história, a filologia, entre outras<sup>1</sup>. Como lembram Brait e Campos:

A questão das assinaturas e da *composição* do Círculo tem variado do extremo da negação intelectual de V. N. Volochínov (1895-1936), P. Medvedev (1892-1938), I. Kanaev (1893-1983), M. Kagan (1889-1934), L. Pumpianskii (1891-1940), M. Yudina (1899-1970), K. Vaguinov (1899-1934), I. Sollertinski (1902-1944), B. Zubakin (1894-1937) às dúvidas em torno da autenticidade de determinadas ideias e conceitos considerados genuinamente bakhtinianos (BRAIT; CAMPOS, 2009, p.17).

Como se nota pelas datas de falecimento dos intelectuais aqui citados, boa parte da produção do Círculo se realizou nas décadas de 20 e 30 do século XX. Bakhtin, que faleceu em 1975, foi o mais longevo deles, continuando a produzir até a sua morte, mesmo que obras não tenham sido finalizadas ou publicadas em vida. Não entrarei aqui na controvérsia sobre a autoria de determinada obra. Sendo assim, para evitar conflitos, citarei sempre a autoria conforme consta nas edições que aqui forem utilizadas.

Neste artigo, serão apresentados quatro pilares sobre os quais a concepção de linguagem destes pensadores se ergue: a *interação discursiva*<sup>2</sup>, o *enunciado concreto*, o *signo ideológico* e o *dialogismo*.

---

<sup>1</sup>Para detalhes, ver BRAIT e CAMPOS (2009).

<sup>2</sup> Neste artigo, será utilizado o termo “interação discursiva” conforme apresentado na mais recente tradução da obra *Marxismo e filosofia da linguagem* feita diretamente do russo por Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo (VOLÓCHINOV, 2017). Cabe a nota porque em outra tradução da referida obra, feita principalmente a partir da edição francesa e realizada por Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009), o termo era apresentado como “interação verbal”, ganhando ampla circulação nos estudos bakhtinianos.



Menos do que um esforço de os abordar de forma exaustiva e conclusiva, já que cada uma destas concepções vem sendo objeto de estudo há algumas décadas, o objetivo deste artigo é o de apresentá-las e as relacionar com a finalidade de explicitar a base comum da qual emergem, a concepção de linguagem da qual derivam, à luz de um esforço didático e, em alguma medida, simplificador.

### **A interação discursiva**

O primeiro pilar, a *interação discursiva*, constitui para o Círculo de Bakhtin a “realidade fundamental da língua” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 219). Essa afirmação está ancorada numa concepção de linguagem que toma por sua natureza a de comunicar, a de se dirigir ao outro. No texto *Os gêneros do discurso* (2016), Bakhtin reafirma a centralidade da função comunicativa da linguagem ao se distanciar de concepções que tomam por sua natureza a “função de formação do pensamento, independente da comunicação”, crítica esta dirigida especialmente a Wilhelm Humboldt (1767-1835), e, por outro lado, a que vê a língua como “deduzida da necessidade do homem de autoexpressar-se, de objetivar-se”, referindo-se aos partidários de Karl Vossler (1872-1949) (BAKHTIN, 2016, p. 23). Bakhtin critica essas compreensões, pois elas partem do entendimento de que “a essência da linguagem nessa ou naquela forma [Humboldt e Vossler], por esse ou aquele caminho se reduz à criação espiritual do indivíduo” (BAKHTIN, 2016, p. 23). Para o Círculo de Bakhtin, portando, essas duas compreensões deixam a natureza comunicativa da linguagem (obrigatoriamente inter-individual, e, conseqüentemente, social) em segundo plano.

Porém, ao fazer críticas às concepções que colocam a natureza comunicativa da língua em segundo plano, o Círculo de Bakhtin não compartilha do pensamento que toma a linguagem simplesmente como um instrumento de comunicação. Para Clark e Holquist (2008), o Círculo de Bakhtin consagrou sua reflexão ao projeto de desenvolver gradualmente uma *filosofia da linguagem* alicerçada no seu *aspecto comunicativo*.

O que o Círculo de Bakhtin afirma é que a comunicação, tomada como sendo a materialização, a realização concreta da interação verbal/discursiva, é a matriz geradora da linguagem, é a *realidade fundamental da língua*, como já foi dito anteriormente. A comunicação para eles não é a compreensão de comunicar *algo* a



*alguém*, pois se assim fosse se aproximaria da compreensão da teoria da expressão que Bakhtin criticou, pois suporia inevitavelmente “um certo dualismo entre o interior e o exterior e uma certa primazia do interior, pois todo ato de objetivação (expressão) ocorre de dentro para fora” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 203). O Círculo de Bakhtin toma a comunicação como realização concreta da interação verbal porque entende que toda palavra procede de alguém e se dirige para alguém; toda palavra “serve de expressão ao ‘um’ em relação ao ‘outro’” (VOLÓCHÍNOV, 2017, p. 205). Ou seja, a comunicação, por esse entendimento, não é a expressão de algo (pré-existente, interior) por alguém a alguém por meio de palavras – o que a caracterizaria como um mero instrumento. A comunicação, tomada como realidade fundamental da língua, é justamente o processo de expressar-se em *relação* ao outro, e não simplesmente *para* o outro. É esse *em relação*, no qual o *eu* só existe *em relação* ao *outro*, e só assim pode se expressar, que configura a dinâmica da interação verbal/discursiva.

Não cabe aqui relacionar a chave *eu/outro*, pela qual “um” só existe em relação ao “outro”, com a relação entre o *eu* e *tu* estabelecida na teoria da enunciação por Benveniste. Não se trata de instauração de lugar de fala (enunciação), mas sim da construção social da consciência e da linguagem pela intersubjetividade.

E por que o *outro* se torna tão central no pensamento do Círculo de Bakhtin? Porque o interlocutor (real ou presumido) não é passivo. Ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso, o interlocutor ocupa simultaneamente em relação ao locutor uma ativa posição responsiva (VOLÓCHINOV, 2017; BAKHTIN, 2016). “Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso); toda compreensão é preche de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante” (BAKHTIN, 2016, p. 25). Aqui reside a compreensão germinal do *dialogismo*, que será tratado adiante.

Cabe perguntar, desta forma, o que seria a “fala viva” ou o “enunciado vivo” que aparecem na citação anterior. Para responder a questão, é necessário discorrer sobre o segundo pilar do pensamento do Círculo de Bakhtin: o *enunciado concreto*.

## O enunciado concreto



Se a realidade fundamental da língua é a interação discursiva, e a interação discursiva se dá *na* e *pela* comunicação da forma como foi caracterizada acima, entende-se que qualquer estudo sobre a língua deve se debruçar sobre sua manifestação real e objetiva, e não em manifestações abstratas ou hipotéticas. A linguagem, portanto, é a expressão de *um* em relação ao *outro* num determinado momento socio-historicamente situado e, assim, marcado na temporalidade como um evento único e irrepitível. A linguagem, cuja realidade fundamental é a interação discursiva, é uma atividade que, justamente por só existir em relação ao outro, objetiva-se na realidade concreta compartilhada entre o *eu* e o *outro*. E essa atividade, por ser um fenômeno real e concreto, realiza-se num determinado espaço e num determinado momento únicos (já que o tempo não volta), sendo irrepitível e socio-historicamente situada e entre sujeitos socialmente organizados. É a essa atividade realizada que se dá o nome de *enunciado concreto*, já que não existe um possível *enunciado abstrato*.

No texto *A palavra na vida e a palavra na poesia: Para uma poética sociológica*, de Volóchinov (1997), poderemos ler:

Uma enunciação concreta (e não abstração linguística) nasce, vive e morre no processo da interação social entre os participantes da enunciação. Sua forma e significado são determinados basicamente pela forma e caráter desta interação. Quando nós cortamos o enunciado do solo real que o nutre, nós perdemos a chave tanto de sua forma quanto de seu conteúdo - tudo que nos resta é um invólucro linguístico abstrato ou um esquema semântico igualmente abstrato (a banal "ideia da obra", com a qual lidaram os primeiros teóricos e historiadores da literatura) - duas abstrações que são inconciliáveis entre si porque não há base concreta para sua síntese viva (VOLOSHINOV/BAJTIN, 1997, p. 122-123; tradução própria).<sup>3</sup>

Faço aqui um parêntese sobre essa citação: quando Volóchinov diz que tanto a forma quanto o significado do enunciado concreto são determinados basicamente pela forma e pelo caráter da interação social entre os participantes da enunciação, ele aponta a concepção germinal de todas as formulações posteriores sobre *gêneros do discurso*, levadas adiante principalmente por Bakhtin.

---

<sup>3</sup> No original: "Una enunciaci3n concreta (y no una abstracci3n lingüística) nace, vive y muere em el proceso de interacci3n social de los participantes del enunciado. Su significaci3n y su forma en general se definen por la forma y el car3cter de esta interacci3n. Al arrancar la enunciaci3n de este suelo real que la alimenta, perdemos la llave de su forma, as3 como su sentido, y en nuestras manos quedan o una envoltura lingüística abstracta, o bien un esquema asimismo abstracto del sentido (la consabida "idea de la obra" de los antiguos te3ricos o historiadores de la literatura): dos abstracciones que son irreconciliables entre s3, puesto que no existe una base concreta para su s3ntese viva".

A enunciação concreta, como visto, nasce, vive e morre no processo da interação social entre os participantes da enunciação. E esses participantes não são abstratos, são reais (ou presumidos), são sujeitos socio-historicamente situados e socialmente organizados. E é por essa constatação, de que os interlocutores da enunciação concreta são reais e socio-historicamente situados, que se pode compreender o caráter *ideológico* do *signo*, o terceiro pilar do pensamento do Círculo de Bakhtin aqui apresentado.

## O signo ideológico

Em *Marxismo e filosofia da linguagem* pode-se ler:

A realidade ideológica é uma superestrutura colocada diretamente sobre a base econômica. A consciência individual não é a arquiteta da superestrutura ideológica, mas apenas sua inquilina alojada no edifício social dos signos ideológicos.

Na medida em que isolamos previamente os fenômenos ideológicos e suas leis da consciência individual, os relacionamos de modo mais estreito com as condições e as formas de comunicação social. A realidade do signo é inteiramente determinada por essa comunicação. Pois a existência de um signo não é nada mais que a materialização dessa comunicação. Isso se refere a todos os signos ideológicos (VOLÓCHINOV, 2017, p. 98).

Cabe ressaltar da afirmação acima que não é a consciência individual a arquiteta da superestrutura ideológica, tampouco sua proprietária, mas apenas a inquilina. Para uma abordagem mais aprofundada sobre esta relação, sugiro ver Vianna (2010), onde realizei uma aproximação entre a obra *Marxismo e filosofia da linguagem*, de Volóchinov, com *A ideologia alemã*, de Karl Marx e Friedrich Engels.

Retomando: sendo a materialização da comunicação o que dá existência ao signo, e sendo essa comunicação realizada entre sujeitos socio-historicamente situados, organizados socialmente, é da natureza do signo, portanto, constituir-se socio-historicamente, refletindo e refratando a realidade da qual emerge a cada atualização enunciativamente concreta. *Grosso modo*, esse é o núcleo da concepção do signo como *signo ideológico*.

A natureza socio-histórica do signo, por si só, não o caracteriza como *signo ideológico*. A sua propriedade de refletir e refratar a realidade é central. O signo reflete a realidade, por meio da sua propriedade de referenciar-se, de adquirir



sentido que ultrapasse suas próprias particularidades. Mas, como alerta Volóchinov, um signo não existe apenas como parte de uma realidade, ele também reflete e refrata uma outra, “sendo por isso mesmo capaz de distorcê-la, ser-lhe fiel, percebê-la de um ponto de vista específico e assim por diante. As categorias de avaliação ideológica (falso, verdadeiro, correto, justo, bom etc.) podem ser aplicadas a qualquer signo” (VOLÓCHINOV, 2017, p.93). Logo, a propriedade de refração do signo é fundamental para caracterizá-lo como *ideológico*.

Podemos compreender por *critérios de avaliação ideológica* o que, ainda em *Marxismo e filosofia da linguagem*, aparecerá como *orientação avaliativa*: “todo enunciado é antes de tudo uma *orientação avaliativa*. Por isso, em um enunciado vivo, cada elemento não só significa mas também avalia” (VOLÓCHINOV, 2016, p. 236)<sup>4</sup>. Ou seja, o sentido e a avaliação, intrinsecamente articulados, constituem cada elemento da enunciação viva, do enunciado concreto.

Os aspectos avaliativos (seus valores), por sua vez, são socio-históricos, circunscritos na esfera ideológica e oriundos dela. Ainda na obra citada, lê-se que “*em todo signo ideológico cruzam-se ênfases multidirecionadas*”, e segue:

Essa *multiacentuação* do signo ideológico é um aspecto muito importante. Na verdade, apenas esse cruzamento de acentos proporciona ao signo a capacidade de viver, de movimentar-se e de desenvolver-se. Ao ser retirado da disputa social acirrada, o signo ficará fora da luta de classes, inevitavelmente enfraquecido, degenerando-se em alegoria e transformando-se em um objeto de análise filológica e não da interpretação social viva. [...] Mas justamente aquilo que torna o signo ideológico vivo e mutável faz dele um meio que reflete e refrata a existência. A classe dominante tende a atribuir ao signo ideológico um caráter eterno e superior à luta de classes, apagar ou ocultar o embate das avaliações sociais no seu interior, tornando-o monoacentual<sup>5</sup> (VOLÓCHINOV, 2017, p. 113).

Os acentos avaliativos são intrínsecos ao enunciado concreto porque, como já visto anteriormente, os participantes da comunicação viva não possuem uma postura passiva frente à linguagem. Toda a compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva (concordar, discordar, aceitar, refutar, ponderar, ignorar etc.); todo o ouvinte se torna falante, e esta atividade responsiva é

---

<sup>4</sup> Na tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira, o termo utilizado é “orientação apreciativa” (BAKHTIN/VOLÓCHINOV, 2009, p.140).

<sup>5</sup> “Monoacentual” apresenta-se como “monovalente” na tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira (BAKHTIN/VOLÓCHINOV, 2009).

permeada, por sua vez, de uma visão de mundo, de uma atitude frente à própria vida real, vivida, concreta e socialmente organizada.

A interação viva das forças sociais se dá entre indivíduos reais e em condições históricas reais. Lemos em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* que para que o objeto, pertencente a qualquer esfera da realidade, entre no horizonte social do grupo e desencadeie uma reação ideológica sógnica, é indispensável que ele esteja relacionado com as premissas socioeconômicas essenciais da existência desse grupo, “que, de algum modo, ele toque, mesmo que parcialmente, as bases da existência material desse grupo” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 111).

O caráter ideológico do signo deve ser também entendido pela dinâmica de *reflexão* e *refração* do ser no signo. Volóchinov deixa claro que comunidade semiótica e classe social não se confundem, já que classes sociais antagônicas pertencem a uma mesma comunidade semiótica. E é por isso, portanto, que os signos dessa mesma comunidade semiótica se transformam em arena de confrontação de diferentes índices de valor, ou seja, de diferentes interesses (VOLÓCHINOV, 2017, p.112-113).

O autor ressalta que esse mesmo fator que torna o signo ideológico vivo e dinâmico “faz dele um meio que reflete e refrata a existência” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 113). A classe dominante tende a conferir ao signo ideológico um caráter intangível e acima das diferenças de classe, a fim de abafar ou ocultar a luta dos índices sociais de valor que aí se trava, “apagar ou ocultar o embate das avaliações sociais no seu interior, tornando-o monoacental” (VOLÓCHINOV, 2017, p.113). Eis o cerne ideológico do signo<sup>6</sup>.

A palavra<sup>7</sup> é um signo ideológico pela sua *ubiquidade social*, e por isso se torna arena de conflito de interesses distintos, já que classes sociais antagônicas compartilham da mesma comunidade semiótica. E, ademais:

---

<sup>6</sup> Em clássica passagem da obra *A ideologia Alemã*, de Karl Marx e Friedrich Engels, pode-se ler: “cada nova classe que passa a ocupar o posto daquela que dominou antes dela se vê obrigada, para poder encaminhar os fins que persegue, a apresentar seu próprio interesse como o interesse geral de todos os membros da sociedade – quer dizer, expressando o mesmo em termos ideias –, a imprimir a suas ideias a forma da universalidade, a apresentar essas ideias como as únicas racionais e válidas universalmente” (MARX & ENGELS, 2007, p. 72).

<sup>7</sup> Em Brait e Melo (2008) fica clara a flutuação terminológica de *palavra*, *enunciado*, *enunciado concreto* e *enunciação* ao longo da obra do Círculo de Bakhtin como também as variações presentes em suas diferentes traduções.



Em sua essência, a *palavra é um ato bilateral*. Ela é determinada tanto por aquele *de quem* ela procede quanto por aquele *para quem* se dirige. Enquanto *palavra*, ela é justamente o *produto das inter-relações do falante com o ouvinte*. Toda palavra serve de expressão ao “um” em relação “ao outro”. Na palavra, eu dou forma a mim mesmo do ponto de vista do outro e, por fim, da perspectiva da minha coletividade. A palavra é uma ponte que liga eu ao outro. Ela apoia uma das extremidades em mim e a outra no interlocutor. A palavra é o território comum entre o falante e o interlocutor (VOLÓCHINOV, 2017, p.205).

Compreendendo as razões do Círculo de postular que todo signo é um *signo ideológico* por ser o placo no qual orientações avaliativas discrepantes se enfrentam, multiacentuando-o e, assim, refratando a realidade para além de refleti-la, podemos avançar e apresentar o quarto e último pilar do pensamento do Círculo de Bakhtin: o *dialogismo*.

Por finalidade didática o dialogismo aparece como o quarto pilar, depois dos três mostrados anteriormente, mas na verdade ele é a gênese de todo o pensamento do Círculo.

## **O dialogismo**

Mostrei até aqui que, para o Círculo de Bakhtin, a realidade fundamental da língua é a *interação discursiva*, que se materializa pela comunicação verbal por meio do *enunciado concreto*, que é concreto por ser entre sujeitos reais e socio-historicamente situados e socialmente organizados, realizado como um evento único e irrepetível. E, por ser realizado entre sujeitos socio-historicamente situados, socialmente organizados, o enunciado concreto carrega consigo visões de mundo, acentos valorativos, orientações apreciativas que constroem o significado das palavras, refletindo e refratando a realidade, já que sentido e avaliação estão intrinsecamente articulados na linguagem da vida real.

Se é a interação discursiva a realidade fundamental da língua, essa mesma interação estará presente, portanto, no enunciado concreto. E o discurso, como conjunto de enunciados concretos, também carregará a qualidade de ser ativamente responsivo, já que “o discurso só pode existir de fato na forma de enunciações concretas de determinados falantes, sujeitos do discurso. O discurso sempre está fundido em forma de enunciado pertencente a um determinado sujeito do discurso, e

fora dessa forma não pode existir” (BAKHTIN, 2016, p.28). Ainda no texto citado *Os gêneros do discurso* lê-se:

Os limites de cada enunciado concreto como unidade da comunicação discursiva são definidos pela *alternância de sujeitos do discurso*, ou seja, pela alternância dos falantes. Todo enunciado – da réplica sucinta (monovocal) do diálogo cotidiano ao grande romance ou tratado científico – tem, por assim dizer, um princípio absoluto e um fim absoluto: antes do seu início, os enunciados dos outros; depois do seu término, os enunciados responsivos de outros (ou ao menos uma compreensão ativamente responsiva silenciosa do outro ou, por último, uma ação responsiva baseada nessa compreensão) (BAKHTIN, 2016, p.29).

Pode-se entender por dialogismo, suscintamente, a compreensão de que qualquer enunciado é intrinsecamente uma resposta a enunciados anteriores e, uma vez concretizado, abre-se à resposta de enunciados futuros. E por enunciado aqui compreende-se uma fala verbalizada entre sujeitos reais como também um discurso construído sobre a forma de um texto, um artigo científico, um poema etc. E é assim que se compreende célebre afirmação de que:

A obra é um elo na cadeia da comunicação discursiva; como a réplica do diálogo, está vinculada a outras obras-enunciados: com aquelas às quais responde, e com aquelas que lhe respondem; ao mesmo tempo, à semelhança da réplica do diálogo, ela está separada daquelas pelos limites absolutos da alternância dos sujeitos do discurso (BAKHTIN, 2016, pp. 34-35).

É importante ressaltar que *dialogismo* não é sinônimo de *polifonia*. Pela compreensão do Círculo de Bakhtin, o dialogismo é uma qualidade inerente ao enunciado concreto: “o falante não é um Adão bíblico, só relacionado com objetos virgens ainda não nomeados, aos quais dá nome pela primeira vez” (BAKHTIN, 2016, p. 61). E justamente por não serem mais virgens, esses objetos nomeados (signos, no caso da citação), já foram, são e serão<sup>8</sup> uma arena de confronto de acentos valorativos/orientações apreciativas/visões de mundo daqueles que os enunciaram, enunciam e os enunciarão concretamente. Todo enunciado concreto *foi*, *é* e *será* tecido pelos fios das inúmeras relações dialógicas que encarnam e pelo intercruzamento de diversas orientações avaliativas de seus enunciadores.

Todo enunciado concreto é obrigatoriamente dialógico. Um enunciado concreto, entretanto, pode ser ou não ser *polifônico*, a depender de como são

<sup>8</sup> A dinâmica que fazem os signos serem vivos e mutáveis.

mobilizadas as diversas vozes no interior da sua construção. A discussão de polifonia está necessariamente vinculada à concepção de *gênero discursivo*. Um gênero pode ser polifônico ou não, mas a linguagem é obrigatoriamente dialógica.

A *polifonia*, portanto, pode ser compreendida como a representação do *dialogismo* inerente à linguagem em determinada manifestação enunciativa. É importante frisar, porém, não entender por polifonia (pela perspectiva do Círculo) a simples presença de outras vozes dentro de um enunciado concreto, de uma obra de determinado gênero; há de se compreender essa polifonia como a representação de um *outro* dentro de um enunciado, cuja presença carrega consigo o seu posicionamento, a sua visão de mundo etc., marcados em sua voz. Creio que não é detalhe lembrar que Bakhtin forjou o conceito de polifonia ao analisar as obras do escritor russo Dostoiévski, afirmando que este havia sido o fundador do *romance polifônico*. Bakhtin assim o fez por constatar que as personagens deste escritor não refletem o posicionamento do seu autor, mas elas próprias têm seus posicionamentos, suas vozes. Seriam como que enunciadore independentes de seu criador (criador este que trava um diálogo com eles), e não somente porta-vozes – que caracterizariam os gêneros e obras *monológicos*.

Como dito, a *polifonia* está ancorada na compreensão de como o *dialogismo* inerente à linguagem é representado concretamente e está vinculada à postura do enunciador frente à representação da palavra do outro.

Daí pode-se entrar numa discussão futura ao se afirmar que a polifonia, como conceito de análise, só cabe ao plano artístico, uma vez que é na criação de uma realidade (artística) que ela pode se manifestar ou não, na criação de um *outro* – o personagem. Como pode um mesmo enunciador (o escritor) criar personagens que são por sua vez também enunciadore e, como tais, detentore de posicionamentore distintos ao do seu criador? E como articular estes distintos posicionamentore na construção da obra artística? Essa é a questão<sup>9</sup>.

A polifonia é a tentativa de representação artística e da vida real, concreta. A polifonia é, portanto, a materialização de uma pluralidade de posicionamentore em uma obra que busca criar uma realidade ficcional, pluralidade esta que não é

---

<sup>9</sup> A obra *O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas Ciências Humanas*, de Marília Amorim (2004), é uma pertinente reflexão sobre o dialogismo e a polifonia, seus alcances e limites, dentro da esfera da pesquisa científica no campo das chamadas Ciências Humanas.



possível frente à vida real, concreta, já que o *eu* se posiciona, no singular. O *eu* não “*nos*” *posicionamos* frente a um enunciado concreto ou à vida.

E é por isso que a *polifonia* está vinculada à noção de gênero e, mais, à esfera artística, ao campo estético: sua efetivação (se possível) não é algo positivo em si, porque estaria mais próximo da natureza dialógica da linguagem. Há gêneros onde é possível a *polifonia* pela perspectiva do Círculo e há outros nos quais ela não convém. Numa obra literária, na qual se pretende buscar uma representação mais próxima da realidade material e objetiva, ela pode ser pertinente: busca-se criar personagens com a sua autonomia. Porém, nos gêneros nos quais não se pode criar personagens, criar um *outro* fictício, ela não se realiza porque, mesmo se for mobilizada a palavra do *outro*, ela estará carregada e marcada pelo posicionamento do enunciatador que a mobilizou, em maior ou menor medida, mas sempre em alguma medida.

Neste artigo acadêmico, por exemplo, há diversas vozes aqui mobilizadas, diversos pensadores cujas vozes/posicionamentos são apresentados, citados etc. Ele não é, entretanto, *polifônico*: elas estão aqui presentes para reforçar o meu posicionamento enquanto pesquisador, o que quero apresentar enquanto texto acadêmico. Mas este artigo é sim *dialógico*: ele busca dialogar, enquanto enunciado concreto, com diversos enunciados que vieram antes dele e, uma vez concluso, abrir-se-á também às respostas de enunciados/artigos futuros.

Vale trazer aqui o primeiro parágrafo da *Conclusão* do livro *Problemas da poética de Dostoiévski*, livro no qual é forjado o conceito de *romance polifônico*:

No nosso ensaio tentamos mostrar a originalidade de Dostoiévski *como artista* que contribuiu com novas formas de visão estética e por isso teve o dom de ver e descobrir novas facetas do homem e de sua vida. Concentramos nossa atenção na nova posição artística, que lhe permitiu ampliar os horizontes da visão estética e analisar o homem sob outro ângulo de visão artística (BAKHTIN, 2008, p. 339, grifos no original)

Sendo assim, é permitido entender que a *polifonia* é uma forma de visão *estética* do homem e sua realidade, representa uma *posição artística* frente à inevitável natureza dialógica da linguagem, já que cria “um *pensamento artístico polifônico* de tipo especial, que ultrapassa os limites do gênero romanesco. Este pensamento atinge facetas do homem e, acima de tudo, a *consciência pensante do*

*homem e o campo dialógico do ser, que não se prestam ao domínio artístico se enfocados de posições monológicas*” (2008, p. 339).

Bakhtin diz ainda que o surgimento do romance polifônico não limita ou suprime em absolutamente nada a evolução subsequente e produtiva das formas monológicas de romance (que como exemplo, cita o romance biográfico, histórico, de costumes, romance-epopeia etc.) já que “sempre haverão de perdurar e ampliar-se campos da existência humana e da natureza que requerem precisamente formas objetificadas e concludentes, ou seja, formas monológicas de conhecimento artístico” (2008, p. 340). Ele adverte, entretanto, que “*a consciência pensante do homem e o campo dialógico do ser dessa consciência*”, em toda a sua profundidade e especificidade, “são inacessíveis ao enfoque artístico monológico. Tornaram-se objeto de autêntica representação artística, pela primeira vez, no romance polifônico de Dostoievski” (2008, p. 340).

Sendo assim, como dito, não é descabido afirmar que a *polifonia* é fruto de uma posição artística, orientada por um *pensamento artístico polifônico*, que possibilita uma *autêntica representação artística da consciência pensante do homem e o campo dialógico do ser dessa consciência*.

### **Considerações finais**

Como já anunciado, este artigo não se propõe a ser uma exaustiva e conclusiva apresentação dos conceitos de interação discursiva, enunciado concreto, signo ideológico ou dialogismo. O objetivo foi o de apresentá-los de forma articulada, possibilitando o mapeamento de seus traços comuns, clarificando o processo de gênese de cada um deles, buscando facilitar a compreensão da visão de linguagem, em seu conjunto, na qual se baseia a abordagem do denominado Círculo de Bakhtin.

Os quatro conceitos aqui discutidos, apresentados como pilares do pensamento do Círculo, podem ser compreendidos como desdobramentos teórico-metodológicos de um uma mesma cosmovisão sobre a linguagem. É por postular a *interação discursiva* como a realidade fundamental da língua/linguagem que, por consequência lógica, assume-se a primazia de fundamentar qualquer estudo sobre ela no *enunciado concreto*, e não no enunciado abstrato ou hipotético.

E por ser concreto, ou seja, realizado num espaço-tempo definido, entre sujeitos socio-históricos e socialmente organizados, enraizado “no solo real que o nutre” (VOLOSHINOV/BAJTIN, 1997, p. 123), tanto o enunciado como também as partes linguísticas que o constroem (as palavras, os signos) se nutrem também dos acentos valorativos dos sujeitos que os enunciam. Se não existe *enunciado abstrato*, a *palavra abstrata*, o *signo abstrato* também não existe, a não ser em estado de dicionário (e não na interação discursiva viva): o signo ele mesmo é um *signo concreto*, ou seja, um *signo ideológico*.

Por fim, o *dialogismo* (que como apontado seria mais correto apresentá-lo *pelo começo*), é um conceito “muito amplo e complexo, posto que está sustentado por uma perspectiva filosófica de caráter antropológico acerca do papel da alteridade na constituição do sujeito humano e da interação subjetiva como conformadora do eu” como alerta Pampa Arán (2006, p. 83, tradução própria)<sup>10</sup>.

Uma possibilidade de abordar o conceito de *dialogismo* é aquela que o entende como a interação discursiva (com todas as características aqui apontadas) realizada numa temporalidade ampliada, não no *hic et nunc* (aqui e agora) da enunciação. As relações dialógicas, desta maneira, são as respostas a discursos pregressos que, por serem respostas, os reacentua valorativamente na marcha infinita da cadeia discursiva.

Antes de satisfazer qualquer necessidade do leitor, este artigo buscou instigá-lo a ter curiosidade de enfrentar as diversas formulações teórico-metodológicas oriundas do pensamento do chamado Círculo de Bakhtin. Há décadas frutíferos diálogos são travados com suas obras no Brasil e no mundo, obviamente com diversas respostas e acentuações – como não poderia ser diferente. Novas traduções para o português diretamente do russo, como a aqui utilizada da obra *Marxismo e filosofia da linguagem* (outras virão), oferecem mais elementos a nutrir este rico diálogo que vem sendo travado. Buscou-se neste artigo, aqui e agora, uma pequena contribuição a ele.

## Referências

---

<sup>10</sup> No original: “muy amplio y complejo, puesto que está sostenido por una perspectiva filosófica de carácter antropológico acerca del papel de la alteridad em la constitución del sujeto humano y de la interacción subjetiva como conformadora del yo”.





AMORIM, Marília. *O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas Ciências Humanas*. São Paulo: Musa, 2004.

ARÁN, Pampa O. Dialogismo. In ARÁN, Pampa O. (Org) *Nuevo Diccionario de la teoría de Mijaíl Bajtín*. Córdoba: Ferreyra Editor, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoievski*. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2008.

BAKHTIN, Mikhail. (VOLOCHÍNOV). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2009.

BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.

BRAIT, Beth; CAMPOS, Maria Inês Batista. Da Rússia czarista à web. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin e o Círculo*. São Paulo: Contexto, 2009, p. 15-30.

BRAIT, Beth; MELO, Rosineide de. *Enunciado/enunciado concreto/enunciação*. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2008, p. 61-78.

CLARK, Katerina; HOLQUIST, Michel. *Mikhail Bakhtin*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2008.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã*. Trad. Marcelo Backes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

VIANNA, Rodolfo. *Marxismo e Filosofia da Linguagem à Luz d'A Ideologia Alemã. Bakhtiniana*, v.1, n. 3, p. 29-41, 2010. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/3368>>. Acesso em: 28 jan. 2019.

VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

VOLOSHINOV, Valentín. (M.M. BAJTIN). La palabra en la vida y la palabra en la poesía: Hacia una poética sociológica. In: BAJTIN, Mijail. *Hacia una filosofía del acto ético. De los borradores y otros escritos*. Trad. Tatiana Bubnova. Barcelona/San Juan: Anthropos/Universidad de Puerto Rico, 1997, p. 106-137.

*Recebido em 11/02/2019*

*Aceito em 11/03/2019*

*Publicado em 15/03/2019*